

An artistic illustration on the left side of the cover. It features a woman's profile in white, facing right. Her face and hair are intertwined with dark, thorny branches. The background is a collage of torn, aged paper in shades of beige and brown, with some dark ink splatters. The entire composition is set against a dark, textured background with faint circular lines and a small gold circle.

MARCOS VITOR COSTA CASTELHANO

POESIA

INJÚRIAS DE UM POETA

O LIVRO DO
MAL SABER

EDITORA
ac

IDEIAS QUE TRANSFORMAM
REALIDADES

INJÚRIAS DE UM POETA: O LIVRO DO MAL SABER

Marcos Vitor Costa Castelhana

MARCOS VITOR COSTA CASTELHANO

INJÚRIAS DE UM POETA: O LIVRO DO MAL SABER

1ª edição
São Bento - PB
Editora AC
2026

DADOS EDITORIAIS

© 2026 Marcos Vitor Costa Castelhana

Todos os direitos reservados.

Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

2026 - Edição Brasileira

Editora: Editora AC

Editor-chefe: Marcos Vitor Costa Castelhana

Diagramação: Marcos Vitor Costa Castelhana

Revisão de texto: Autor

Produtora Editorial: Petros Renan Custodio da Silva Almeida

COMISSÃO EDITORIAL

Dr. Patricio Borges Maracaja

Dra. Aline Carla de Medeiros

Me. Lisbino Geraldo Miranda do Carmo

Me. Flávio Franklin Ferreira de Almeida

Me. Marcos Vitor Costa Castelhana

Contato: (83) 99840-0598

São Bento - PB - Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C348i CASTELHANO, Marcos Vitor Costa. Injúrias de um poeta: O livro do mal saber. [Recurso eletrônico]. / Marcos Vitor Costa Castelhana. – 1.ed. São Bento, PB: Editora AC, 2026.
1 livro digital.

Título da Capa: INJÚRIAS DE UM POETA: O LIVRO DO MAL
SABER
ISBN: 978-65-977631-4-6

1. Poesia Brasileira 2. Marcos Vitor Costa Castelhana, 1998
I. Título.

CDD B869.1

Elaborado por Márcia Maria Feitosa Ferraz CRB-PB 824/O

*“E, se houver de existir alguma verdade em toda essa história,
que seja a verdade do momento.”*

(Marcos Vitor Costa Castelhana)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
01 O ato da escrita.....	2
02 Triste Fim	3
03 Atitude de reserva	5
04 Poeta	7
05 Homem Pragmático.....	9
06 O Grupo de Amigos	11
07 Maldita Quimera.....	13
08 Menina Bailarina	15
09 Grito	16
10 Homem Cadavérico.....	17
11 Questionamento de um hedonista perante um estoico	18
12 A Vida Pela Quantidade e Qualidade	19
13 O Vidente e a previsão da morte	20
14 Promessas	24
15 Categórico.....	25
16 Atitude filosófica.....	26
17 Esquerda X Direita.....	27
18 Deixe-me.....	28
19 Horrenda Megera.....	30

20	Rosas.....	31
21	Homenagem a Octavio Paz.....	33
22	Mal saber.....	34
23	Estátua de César.....	35
24	Inteiro.....	37
25	Perdido.....	38
26	Dilema para além de Pascal.....	39
27	Brasil.....	40
28	Assim falava o profeta.....	41
29	Post mortem.....	42
30	Cacimbão.....	43
31	Injúria estética.....	44
32	Pensamento Tradicional.....	45
33	Conceito de Paixão.....	46
34	O Apaixonado.....	47
35	Esqueça.....	49
36	Obra de arte.....	51
37	Olhares.....	52
38	O homem e seu templo.....	54
39	Líder.....	55

40	Perdão as fábulas	56
41	Ser “Verdadeiro”	57
42	Doença Mundial.....	58
43	Respeito “Artificial”	59
44	Luz e Escuridão.....	60
45	Theo.....	61
46	Irônico	62
47	Linha	63
48	Cavaleiro da Branca Lua.....	65
49	Silenciar.....	66
50	Mercador Pós-Moderno	68
51	Fortuna.....	69
52	Obra.....	70
53	Eufêmico	71
54	Existir no Cotidiano	72
55	Mentir.....	74
56	Hiperbólico	75
57	Moldura	77
58	Má-fé.....	78
59	Amor e Desejo	79

60	Dilema de Berlin	80
61	Injúrias de um coveiro.....	82
62	Mais que um garoto russo.....	83
63	Lethe.....	86
64	Mate-me	88
65	História A Ser Contada	89
66	Enganado	90
67	Bucólico.....	91
68	A Briga Do Apaixonado Contra Realista sujo	93
	SOBRE O AUTOR.....	94

APRESENTAÇÃO

O ser humano injuria seu mundo injuriando a si mesmo e, nessa valsa trocada o autor lança-se no abismo que é existir, sendo purgado pelo seu próprio ser transfigurado em sua angústia carnal. Esse ser que mal sabe das coisas, adapta sua vida em uma obra, ou melhor, em um conjunto de expressões que vão além de uma mera colcha de retalhos de si, este vai tecendo seus fios no limiar de suas vivências fantasiando os espectros e essências reveladas no existir. Por isso, ser que aprende se autoobservar mal sabe das coisas, pois este nunca escreve suas idiossincrasias com verdades indubitáveis, mas com dúvidas pertinentes, e se houver de existir alguma verdade em toda essa história, que seja a verdade do momento.

01

O ato da escrita

Escrever é tornar cego a consciência
Através do voluntário e involuntário
Sublimar o âmago das coisas não reveladas

Expressar as angústias, coragens, covardias, pretensões e o todo
imaginado
(E não imaginado)

Na cegueira da escrita
Uns são levados pela vaidade
Outros pela paixão

Almejando a lucidez através do caos

02

Triste Fim

Em uma minúscula cidade
No interior do Nordeste
Um grupo de teatro
(Recém-nascido)

Realiza sua primeira peça
Depois de alguns ensaios
Tendo como obra escolhida
“O Santo e a Porca”

No dia da apresentação
A plateia era miúda
As luzes do palco improvisado falhavam de forma constante
A acústica do ambiente era péssima

Porém
Os inexperientes atores
Executaram suas ações e falas com maestria
Todos ficaram apaixonados pela atuação
E pela própria história em si
Mas
De todos ali presentes
Tinha uma criança que via a peça
Como uma representação literal da realidade
Ficava fascinado com cada fala
Com cada reviravolta

Porém
Ao final da apresentação

O menino ficou extremamente angustiado
Ao perceber que o final não era com ele esperava
Não era feliz

Era trágico
Era melancólico

Aquela criança
Acostumada com os finais felizes da TV
Não imaginava que na realidade poderia existir finais trágicos

03

Atitude de reserva

Esse homem era reservado
Desde criança não gostava de brincar com os outros
Ficava sempre isolado
Pois para ele
Valia mais a pena brincar sozinho
Do que com os outros
Pois não queria emprestar seus brinquedos

Quando já era adolescente
Este em sua atitude de reserva
Preferiu não amar ninguém
E quando tinha algum desejo
Reprimia
Pois não queria sofrer igual algumas pessoas que ele via em seu caminho

Quando era adulto
Trabalhava em um escritório de pequenas salas separadas
Para ter o seu espaço e
Evitar o Outro
Quase nunca saía de casa nos finais de semana
Para evitar assaltos e gastos desnecessários

Quando era velho
Aposentou-se
Ganhava um valor mediano
Em sua vida mediana

Mas era o suficiente para um sujeito sozinho
Que existia em sua própria reserva

Quando morreu
O corpo só foi percebido
Pois em sua casa exalava um cheiro medonho e desagradável
O cheiro de sua putrefação
Na reserva de sua sala estar

No seu enterro
Não tinha amigos
Não tinha familiares
Não tinha nem conhecidos
Só tinha um coveiro
E sua oca reserva

Em seu epitáfio estava escrito:

“Um homem reservado
Que evitou conhecer o mundo
Os outros
E a si mesmo

Em sua reserva
Evitou o sofrimento

De fato
Não sofreu em demasia
Mas na demasia de sua reserva
Deveras não viveu”

04

Poeta

Poeta

Aquele que transforma dor em arte
Que por meio da escrita sublima sátiros e demônios
Aquele que lida com o sofrimento de forma poética

Poeta

Que constrói os escritos mais belos
Em ambientes caóticos
Aquele que ama e sofre por intensidade
Mesmo que não seja tão intenso assim

Poeta

Aquele que escreve sobre o amor
Amando ou sem amar
Mais ama por um dia ter amado

Poeta

Aquele que transforma sua realidade em metáfora
Usando da mesma metáfora para falar da realidade
Indagando as barreiras mais sólidas do coletivo

Poeta

Aquele que prende-se ou não a métrica
Que rima com vontade ou desorganiza sua própria escrita
Lidando com o caos de seu próprio âmago

Poeta

Aquele que fala do seu íntimo

Falando ao mesmo tempo da humanidade que o insere
Mesmo podendo vim a ser desumano em seus versos e estrofes

Poeta

Aquele que após um sonho escreve nitidamente o seu inconsciente
Mesmo que expresse seu manifesto
Não sua latência

Todos nós somos poetas

Mesmo que que não expressemos nossa própria história

05

Homem Pragmático

Pelo pragmatismo filosófico

Este homem valoriza a ideia pelo seu valor prático

“Learnig by doing”

Ele exclama com furor

Sistematizado

Nunca sistêmico

Pois antes vale o reducionismo prático aplicado ao cotidiano

Do que a globalidade dos fatores que integram o meio e os sistemas

Seu cotidiano é regrado

Cheios de metas e perspectivas perante os resultados

“Tudo tem que ter algum resultado”

Ele fala edificando a convicção

Sentimentos

Ele tenta controlar todos

Pois o homem não deve ser guiado ou influenciado pelas emoções
e/ou instintos

“Instintos são para animais”

Ele afirma de maneira indubitável

Falhando miseravelmente

Ao tentar construir o modelo de um novo ser humano

Acabou por desenvolver um ser previsível e robótico

Ao tentar negar a animalidade humana

Acabou por desenvolver tudo

Menos uma ideia verdadeiramente humana

Fazendo de sofismas
Verdades inabaláveis

Que vão além da própria história

06

O Grupo de Amigos

Em um grupo de quatro amigos
O único fator de convergência seria a diferença

Um era realista
Via o mundo de maneira pragmática e crítica

Outro era meio marxista
Via esse mesmo mundo voltada a ótica da luta de classes e
elementos afins

Os outros dois amigos eram

O hedonista
Que buscava viver intensamente
Aproveitando cada prazer ao máximo

E o romântico
Que assim como hedonista também buscava o prazer
Porém o proveniente do belo e do amor

Um dia
Em um dos seus encontros noturnos

Todos saíram para beber na casa do hedonista
Que era por si só o mais liberal

E assim como toda roda de amigos
Teve o momento que o assunto era voltado ao sexo
Ou melhor
Sobre posições sexuais

O realista enfatizou que as melhores posições seriam as tradicionais
Pois preservaria a energia
Não gastando de forma desnecessária

O marxista explicitou que as posições escolhidas deveriam
favorecer o proletariado
Uma vez
Que ele é oprimido pela sociedade capitalista

O hedonista proferiu que as posições deveriam objetivar o Kama
Sutra
Valorizando a dificuldade
Porém propiciando mais prazer

Já o romântico ficou calado
Meio sem jeito

Então
O hedonista perguntou a este

“E aí, meu caro amigo, qual a sua posição preferida?”

O romântico declamou:

“A posição de amar e ser amado”

Depois de tal afirmativa
Todos os amigos riram

Inclusive o próprio romântico

07

Maldita Quimera

Ó Maldita Quimera

Por que vens interromper meu sono ?

Você tão citada por Cervantes
Tão famigerada por Augusto dos Anjos

Por que vens até mim ?

Logo na calada da noite
Cantando de maneira épica igual faz Calíope

Será que você é fruto da minha imaginação ou realmente é um ser mitológico ?

Ou ainda
Será que representa os dois ?

Por que ruge igual um leão ?
Por que quer me picar igual cobra ?
Por que anda tão desengonçada como cabra ?

Mesmo sendo tudo isso
Por que ainda tenta ser um dragão expelindo fogo pelas narinas ?

Ó ser híbrido

Me deixes em paz

Por que queres que eu seja tão sincrético ?

Me responda em palavras e não em rugidos e berros

Mesmo querendo imitar um dragão
Ainda queres imitar a Esfinge ?!

Não

Não

Isso não

Vai-te atrás de sua própria essência

Antes que copie qualquer pergunta já feita pela Esfinge

Respondo-te de maneira imediata

Sem qualquer ineditismo

A resposta é o homem

Agora doce e amarga quimera

(Isso mesmo

Digo o seu nome como se fosse qualquer outro objeto)

Deixe-me dormir

08

Menina Bailarina

Um dia a professora perguntou aos alunos da escola infantil quais eram suas religiões e crenças

Uns falaram que eram católicos
Outros falaram que eram evangélicos

Uns falaram que eram da Umbanda
Outros não sabiam direito o que dizer

Mas ao ouvir tal pergunta uma jovem menina falou que gostava de dançar

A professora ficou curiosa e fez a seguinte pergunta:

“Seu Deus é a dança?”

A menina rindo retrucou:

“Não professora, meu Deus não é a dança, mas algum ser que sabe dançar”

Nesse dia

Uma menina bailarina

Que talvez mal soubesse o que era o caos

Fez que seu espírito caminhasse diante do “ser livre”.

09

Grito

Radamanto e Minos
Ao visualizar as novas almas no inferno
Liberam um só grito que ecoa e estremece
A caverna de Dite

As novas almas já sem razão
Encontram-se permeadas pela emoção
Transfigurada no medo

Mas mesmo no caótico inferno
As almas condenadas são dominadas
Por algo que parece divino
Porém é infame
A esperança

Estas almas conjuntas em sua condenação
Exprimem uma frase dita com a maior das convicções
“Post tenebras spero lucem”

10

Homem Cadavérico

Ó Homem Cadavérico

Prevê sua própria escatologia preso na ideia do Destino

Mal sabe ele

Que o destino fala mais do passado

Do que do futuro

11

Questionamento de um hedonista perante um estoico

Você meu caro estoico

Seria estoico até mesmo no inferno ?

12

A Vida Pela Quantidade e Qualidade

Camus e Pascal gritam: “a qualidade é primorosa, mas preze-te pela quantidade”

Sêneca retruca: “a extensão é primorosa, porém busque a intensidade”

Outro homem, menos famoso, fala indagando-os perante tal discussão: “por que não buscam os dois?”

13

O Vidente e a previsão da morte

Diferente de outros videntes

Esse

De fato

Era competente

Conseguia prever o futuro de todos a sua volta

Apenas ao ver os olhos dos sujeitos

Sem precisar usar de materiais como bola de cristal, cartas, dados
ou ossos

Além de não precisar ler mãos, rostos, pés ou qualquer outra região
semelhante

Esse vidente

Como falado era competente

Era tão competente que ao ver seus próprios olhos no espelho
previu a sua morte

Visualizou que

Sua morte iria ter uma essência trágica

Seria morto por um homem vestido de preto

Que tinha as únicas coisas a mostra seus olhos completamente
brancos

E ocorreria

Daqui a exatos sete anos e vinte e seis dias, quatro horas, três
minutos, dezenove segundos e dez centésimos

Entretanto a maneira exata que seria executada a morte não foi
revelada

Alguns pensadores como Heidegger
Afirmam que a morte dá sentido a vida

Mas tal filósofo talvez não contasse
Que um certo sujeito teria a capacidade de saber a hora exata de
sua morte

O vidente
Mesmo sendo considerado um sujeito calmo e controlado
Entrou em desespero
Pois agora ele era vítima de sua própria clarividência

Ele passou todo tempo restante de sua vida com um medo extremo
Estagnando-se em um estado de melancolia

Não tinha mais ânimo para ler o futuro dos outros
Não saia mais de sua insólita residência
Mesmo tendo uma aparência exótica por natureza
Seu próprio espírito ainda vivo
Expressava uma forma cadavérica

Depois de passado o tempo restante de vida
Chega o fatídico dia de sua tão temida morte

De repetente

Um homem todo vestido preto
Em que as únicas coisas visíveis eram seus brancos olhos
Entra pela porta da residência do condenado
O vidente estava completamente assustado perante tal
apresentação
Porém
Mesmo assim teve a astúcia de ver os olhos de seu carrasco
Percebendo que o seu algoz era imortal

Pois ele era a própria Morte encarnada

Com isso
Ao ter conhecimento do ser a sua frente
A dita vítima
Faz o seguinte questionamento:

“Ó Morte, por que me amaldiçoaste com o conhecimento exato de meu próprio fim ?”

A Morte responde com ar triunfante e risonho:

“Meu caro vidente, não percebes que isso foi uma benção ?”

O vidente confuso indaga a Morte de forma colérica:

“Como isso pode ser uma benção ?”

A Morte ao ouvir isso ri e posteriormente responde: “A morte é a maior das recompensas, ame o destino a pesar das contingências, pena que não soube gastar seus últimos momentos ”

Após respondido a tal pergunta
O vidente ficou atônito
Pensando que tinha sido alvo de uma grande piada divina
Não entendo o valor do aforismo daquela infame Morte que zombava de sua existência

A Morte após ri da indignação de sua vítima
Vendo o extremo temor daquele sujeito ao perder sua própria vida

Acaba por decidir ser generosa com o tal mortal
Não levou esse amedrontado homem
Pro limbo
Inferno
Paraíso
E nem pro nada

Mas sim
Condenou esse sujeito que tinha demasiado medo de morrer

Para um eterno retorno
Vivendo sua miserável vida para sempre
Em um ciclo interminável
Marcado pelo eterno medo de viver
Deslocado na ideia da Morte

Uns irão chamar isso de um brinquedo divino de mal gosto

Outros vão ver esse princípio ditado pela Morte, como uma das
ideias mais belas

14

Promessas

Você insiste para que eu prometa coisas fúteis

Prometa sobre o céu e a terra

Prometa o infinito

Prometa sobre tudo

Prometa até sobre a fermentação das leveduras

Mas como diz Eurípedes

Posso até prometer com a língua, mas nem sempre prometo com o coração

15

Categórico

Ó Homem Jaspersiano
Por que és tão categórico ?

Reduz sua realidade perante a totalidade
Diz que conhece tudo
Mas não conhece nada
Muito menos a si

Através de suas categorias
Busca lidar com o todo
Reduzindo os elementos que visualiza
Em pequenos setores

Proibi-se de buscar o todo
Pois buscar o todo
É uma tarefa demasiada cansativa
Mas se esquece
Que ao ficar preso em suas próprias categorias
Canse-se
por enxergar sempre as mesmas coisas

Na conformação do que se têm e de sua própria crença
O Homem Categórico fica preso nos próprios grillhões
E mesmo que nunca possa entender o todo
Ele evita visualizar aquilo que está para lá de sua realidade

Este sujeito
Ao ficar tanto tempo preso em uma gaiola
Desenvolveu o medo da liberdade

16

Atitude filosófica

Viver por si só
É uma atitude filosófica

A cada momento
A cada experiência
A cada sensação
A cada desesperança
A cada tédio

Vivemos a potência do movimento
Mesmo que não mudemos
Nunca seremos os mesmos depois de um instante

Já disse
Viver é uma atitude filosófica

Pois a cada momento tendemos visualizar
Aquilo que víamos com naturalidade
Com horrenda estranheza

17

Esquerda X Direita

Um pouco mais pra esquerda
Um pouco mais pra direita
Um pouco mais centralizado

Pode deixar aí
Por favor !!!

Em todos os lados
Tem carnes novas
E carnes podres

Mas com o passar do tempo
As carnes novas tendem a decomposição
Afetadas pelo ar poluído
E o tempo não frutífero

Por isso,
Não fico nem pra esquerda
Nem pra direita
Nem no centro

Pois independente de qual lado esteja
Não gosto do cheiro oriundo da putrefação

Não hei de me acostumar com o odor do metano

18

Deixe-me

Deixe-me

Usar as personas de mim mesmo

Não preciso das máscaras

Seja do Hamlet

Dom Quixote

Ou do próprio Iago

Deixe-me

Utilizar técnicas que não conheço muito bem

Ou que acredito conhecer em demasia

Deixe-me

Ser mais dramático

Eufórico

E histérico

(Pois já sou por estrutura)

(Assim pensava)

Deixe-me

Injuriar o mundo

Os outros

E a mim mesmo

Pois uso o codinome de poeta
E o poeta pode falar de tudo
Sem ser punido

(Pelo menos foi isso que me falaram)

Deixe-me
Escrever errado
Usar vírgulas em demasia
Ou não usá-las em momento algum

Não
Não
Não

Não quero mais repetir o título do texto

Agora inverte a preposição

Vai-te embora

Quero ficar comigo mesmo

No dia de hoje

Amanhã nos vemos

19

Horrenda Megera

Uns dizem que és filha de Gaia e Urano
Uns dizem que és filha de Nix
Alguns lhe chamam de Megera
Outros lhe chamam de Fúria

Eu lhe chamo de Horrenda Megera

Todavia
Não importa sua origem ou o seu apelido

Pois não é isso que chama atenção

Por que és tão invejosa ?
Por que queres invadir o tal matrimônio ?

Deixe-te de sua cobiça irredutível
Não sei como Tisífine não te castigas
Por tanta audácia

Talvez seja assim tão imoral
Pois é invejosa
E acima de tudo rancorosa

Ó Horrenda Megera

Não siga seu próprio estereótipo

Estás tão estigmatizada pelas suas próprias vivências e escolhas

Muda sua forma de ser

Ó Horrenda Megera

20

Rosas

Rosas dos rosais
Que nascem
Que foram mandadas
Que já não existem mais
Que apodrecem nos vasos
Que acalenta os corações por beleza
Ou por símbolo

Rosas usadas
Pelos apaixonados
Pelos iludidos
Pelos culpados
Lançadas para os finados

Rosas citadas
Pelos filósofos
Botânicos
E poetas

Rosas dos rosais
Que expressam o vermelho escarlata da natureza
Que exalta tanta beleza
Engana os dedos despercebidos
Ao chocar-se com os espinhos

“A beleza gera dor”
Disse menino com o dedo machucado

Rosas dos rosais
Que fascinam
Que enganam

Já não te quero mais

Nem pra expressar
Minha paixão
Minha ilusão
Minha culpa
Minha dor
Minha perda

Trato-te como um elemento voraz
Te Deixareis na divina natureza

Cada qual
No seu lugar

Rosas dos rosais

21

Homenagem a Octavio Paz

O poeta não escapa de nada
Mesmo negue a história
Ou a si mesmo

Suas experiências mais íntimas
Tornam-se palavras sociais e históricas

Revelando o tempo que viveu
E o homem que representava
Diante do ser e não ser

O seu poema mesmo que implícito
Explícita coisas que vão além de si

Esse é o seu fundamento poético

22

Mal saber

Eu sou poeta

Aquele que mal sabe das coisas

Mal sabe do mundo

Mal sabe dos outros

Mal sabe de si

Mas

Mesmo assim

Ainda falo sobre tudo

Que vejo e não vejo ou que deixo de ver

O poeta

Mesmo que aforismático

Ainda sim

Busca reconhecer a ignorância

Porém

Acaba por dignificar o absoluto

Quando exalta a dúvida como única verdade

23

Estátua de César

Ele via si mesmo como uma Estátua de César
Passava horas e horas
Louvando este grande ídolo
Porém com o passar do tempo
Resolveu com sua coragem bater com um martelo nessa grandiosa
estátua
O martelo não destruiu a representação de si
Esse monumento não teve um único arranhão se quer
Porém
Esse martelo serviu de diapasão
Fazendo a grande estátua vibrar
Juntamente com o instrumento que havia o batido

Revelando que esse grandioso monumento
Na verdade
Era oco
Era vazio

Esse sujeito percebeu
Que havia confundido
A estabilidade
Com a estagnação

Havia fugido do caos
Pensando que ia encontrar a harmonia

Percebeu a importância da falta
Pois ludibriado com a grande estrutura que louvava diariamente
(Até em seus pensamentos)

Não percebia
Que a falta não faltava
Que a falta é necessária
Pois ela resulta o caos
E a metamorfose

Sofreu
Tendo a visão da destruição desta representação
Todavia
Sabia ele
Que era uma labuta necessária

No fim

Também sabia
Que essa grande visão de César deveria ser transformada em
escombros
Mas
Era uma atividade que requeria cuidado
Pois
A pressa
Poderia resultar na caída dos escombros de si sobre si mesmo

24

Inteiro

Não procuro me completar para o outro
Mesmo que busque o Outro

Pois na melhor das hipóteses
Somos seres faltosos

Mesmo que a falta
Falte

Que rejeitamos a falta

Ou que ainda
Denegamos a mesma

Nascer por si só
Já é travar um luta cega contra falta
Sem mesmo saber que esta lutando

25

Perdido

Hoje eu acordei meio perdido

Mas

Lembrei-me de um pensamento do Keroua :

Sempre há uma estrada pra quem está perdido

Um como, onde e por quê

Sei que em breve

Talvez, não tão breve assim

Vou me achar

E se no final eu tiver sorte

Irei me perder mais uma vez

26

Dilema para além de Pascal

Um dia os filósofos hão de descobrir

Se lançar-se no paraíso

Há de ser um ato de exímia coragem

Ou de mera covardia

27

Brasil

De Cony a Gaulle

Todos sabemos:

“O Brasil não é um país sério”

Talvez o grande problema

Seja a esperança de seu povo

Que

Lança-se no demasiado ócio da conformação

Digo isso pra não ser mais impróprio

28

Assim falava o profeta

Nesse grande meio-dia

Ainda continuo na antiga cidade de Vaca Malhada

29

Post mortem

Ao ver seu cadáver pálido
Sobre a famigerada tumba de madeira
Dei-me com as boas reminiscências daquele velho senhor

Ao ver os olhos chorosos dos familiares e admiradores
Diante do corpo falecido
Visualizei a culpa de alguns presentes perante sua antiga existência

Ao ver a culpa dos culposos
Vi o desejo inconsciente reprimido nos olhares
Vi também
O isolamento dos que não queriam enfrentar a dor da perda

Ao ver seu corpo sem espírito
A sobra da carcaça da existência

Percebi de forma indubitável

Que a morte é o primeiro sopro diante do eterno abismo
Chamado

Nada

30

Cacimbão

Quando criança

Ia toda manhã com meu avô ao Cacimbão

Lá existia animais típicos da caatinga

Uma árvore grande

De tamanho colossal

Lá no Cacimbão

Existia a passagem para subir a serra

Existia trabalhares que todos os dias iam pegar água para vender e
para o consumo

O Cacimbão

Localizava-se em uma cidade pacata

Porém

A natureza ali presente era triunfante

O cantar dos pássaros detinha-me a atenção

Os lagartos corriam a todo instante

As borboletas dançavam sob a luz da manhã

Ali

Tudo me fascinava

Nessa antiga

E tão longínqua

Infância

Via a beleza do mundo

Através do olhar de uma criança

Onde o Cacimbão era meu pequeno paraíso

31

Injúria estética

Às vezes um poeta
Injuria seu mundo
Exaltando o belo

32

Pensamento Tradicional

Hoje em dia
Ser um pensador tradicional
É dizer que criou uma grande ideia
Não passando de um mero plágio

Partindo do princípio
Que pela antiguidade de certas ideias
Elas vão acabar sendo esquecidas
Podendo ser patenteadas ao decorrer dos séculos ou milênios

Logo
Serão lembradas
“Criadas”
Por um novo autor

Por isso
Para não ser enganado
Siga o aforismo de Abujamra

“Tudo que não é tradição é plágio”

Pois sempre há de surgir velhas novas ideias
Pela falta de conhecimento sobre os clássicos

33

Conceito de Paixão

Paixão é a pressa incessante de amar
Sem estar amando

Enquanto a paixão é inquieta
O amor sabe a hora certa de se inquietar

Entretanto

Sempre no amor há de existir um pouco de paixão

A paixão está entre o amar e a fuga do que se sente

34

O Apaixonado

O Apaixonado
Vê o mundo de maneira mais bela
Mesmo sabendo de sua ingenuidade contextual

O Apaixonado
Reluta contra malícia
Acredita que ama
Tem tensão

O Apaixonado
Não tem apenas tensão
Como alguns pensam

Pois

O Apaixonado
Sabe que tem dentro de si
Há a potencialidade do amor
Buscando
Trocar o caos
Por um outro caos

O Apaixonado
Assim como um herói grego
Luta contra os próprios deuses
Em nome de sua paixão

O Apaixonado
Por vezes
Confundi a etimologia do Pathos

Indo da paixão em si
Para a própria patologia
Ou mero esquecimento

Porém
Não sejamos pessimistas
Quem já se apaixonou
Sabe um pouco o que é viver

O Apaixonado
É aquele que ama a beleza do mundo
Sob efeito de drogas

Provenientes de sua própria natureza

35

Esqueça

Esqueça por um momento

As palavras

As frases

Proposições

E sentenças

Pois

A métrica bem definida

Seja Arcaica

Classicista

Ou outra qualquer

Não é capaz de expressar aquilo que sentimos

Esqueça a importância da linguagem

Escreva como quiser

Usando termos hiperbólicos ou eufêmicos

Exagerando nos pontos ou nas vírgulas

Em fim

Use de sua própria liberdade contextual

Para dizer o que quiser

Seja qual for a maneira de expressão

Nenhuma das palavras

Frases

Preposições

Ou sentenças

Serão suficientes para expressar aquilo que se sente

O íntimo vai além das próprias palavras

36

Obra de arte

Hoje

(Pois não posso prometer o amanhã)

Você será minha obra-prima

Minha maior razão de arte

Transformando minhas fantasias em devaneios reais

Expressando sua imagem como uma verdadeira obra de arte

37

Olhares

Quando nossos olhares se cruzaram
O desejo incessante me acolheu
Me instigando por dentro

Sentia vontade estar e ser com você
Sua imagem fazia-me relutar contra a solidão
Buscando seu carinhoso afago

Com os conflitos e brigas
Na presença do orgulho e discórdia
A cólera e ira se explicitaram

Quando nossos olhares se cruzaram
O desejo funesto me sufocava
Seu toque ríspido e áspero me machucava

Sentia angústia de estar e ser com você
Sua imagem fazia-me sentir cada vez mais só

Depois de um tempo

Em meio ao sofrimento

Terminamos

Nossos olhos não mais se cruzavam
O desejo desgastou-se
No início tudo me corroía por dentro
Agora não mais

No Início queria ficar um pouco só
Ser e estar comigo
Para depois pensar em construir algo com outro alguém

Por fim

Nossos olhares representam o resumo dos amores e paixões de dois
jovens adolescentes que mal sabiam o que era amar

38

O homem e seu templo

O homem que contrói um templo de si
Louva o Deus de si mesmo
Edificando seus próprios ritos e rituais
Rechaçando os pagãos
Louvando seus dogmas de si para si
Prendendo-se em seu próprio templo
Por mero narcisismo
Afogando-se nas águas de seu próprio dilúvio

39

Líder

Algumas pessoas olham de longe um líder
E falam de maneira eufórica:

“Aquele homem realmente deve ser um líder”

“Ele é simpático, coletivista e carismático”

Mal sabem essas pessoas

Que o carisma é uma das formas mais eficientes de dominação

40

Perdão as fábulas

Me desculpe Esopo

Vivo por si só as minhas próprias fábulas

E a moral da história transforma-se em poesia

41

Ser “Verdadeiro”

Sem motivo algum

Um ser veio me falar que era bom e honesto

Que não havia ninguém mais bondoso que ele nesse mundo

Que gostava de ajudar o próximo

Afirmava também que odiava qualquer tipo de mentira

Pois ele era muito humilde para mentir

Depois de muitas autoafirmações

E de muita humildade

Esse ser resolveu ir embora

E no fim

Fiquei bastante feliz

Pois não tinha sido roubado

Em meio de tanta honestidade

Dubitat Augustinus

42

Doença Mundial

Nada melhor
Do que uma Doença Mundial
Para reanimar os ares da solidão
Ou do mero isolamento

43

Respeito “Artificial”

Quem tem a necessidade de exigir respeito dos outros

Não consegue respeitar nem a si mesmo

44

Luz e Escuridão

A mesma luz que clareia o caminho

É a mesma que ofusca a visão

A mesma escuridão que ofusca o caminho

É a mesma que clareia o pensamento

Saiba mero indivíduo

Que viver sob uma única perspectiva durante toda existência

Significa desejar ser ofuscado pela unilateralidade da ótica dualista

Viver é arriscar-se perante o incerto que começa com o nascimento

Quem vive de forma pensada, desvaloriza as incertezas da vida

Viver com certezas é ter medo do risco do incerto

Glória a vos

Luz e Escuridão

Filhas carcomidas do caos

45

Theo

Ovidius: Est Deus in nobis

Nietzsche: Gott ist tot

Sêneca: Unus quisque mavult credere, quam judicare

Fernando Pessoa: Deus quis que não o conhecêssemos

Protágoras: Homo mensura

...

Ego: Ó assunto interminável

46

Irônico

Se viver é um ato de ironia

Morrer é o resultado do sarcasmo

(Não confunda ironia e sarcasmos com a mera hipocrisia)

47

Linha

“A vida é uma corrida perante a morte”

(Disse um dos velocistas incautos)

O que importa não seria a colocação
Mas o percurso

Após a linha de chegada
Podemos dizer que todos ganham o mesmo prêmio
Um grande e eterno nada

Os organizadores dessa corrida são desconhecidos
Alguns falam que oriunda-se de um famigerado Deus
Outras afirmam que essa constante corrida é fruto do acidente da
matéria
(Depois você pensa uma resposta melhor ou mais conveniente)

Os participantes não tiveram a opção de participar
Uns correm objetivando apenas elementos inatingíveis ou
superficiais
Outros iludissem com a demasia ou marasmo
Ainda tem aqueles que desistem no meio da corrida
Ganhando o mesmo prêmio dos finalistas

Mal sabem que todas as contingências são perdidas após a linha de
chegada

Já que o prêmio no final é o mesmo para todos
Os verdadeiros vencedores

São aqueles que andaram todo o percurso
Aproveitando as experiências e a paisagem

Por fim

Fica a piada

Todos sabem que a corrida acaba

Todavia

Todos correm crendo inconscientemente no percurso como um
todo infinito

Ó velocistas incautos

Que tendem amar a eternidade

Mesmo diante da finitude

48

Cavaleiro da Branca Lua

Sempre existirá um Cavaleiro da Branca Lua
Que tenta acabar com a loucura
Com a imposição da normalidade

Acreditando piamente
Que os ditos insanos devem se adaptar o padrão dos famigerados
normais

Com isso
Eu te pergunto

Quem é mais mais louco

O dito louco em sua loucura ?

O normal em sua vã pretensão ?

No final eu injurio

No fundo
(Talvez não tão fundo assim)

O dito normal tem inveja dos insanos que sabem dançar

49

Silenciar

No ato de silenciar a si perante o outro
O sujeito começa outra conversa dentro de si
Em que
Essa conversa ocorre em seu íntimo

Nessa conversa
O caráter apresentado não seria dialético
Mas
Algo voltado para a retórica relativista
Ou ainda
Uma conversa pela conversa
Como faz um erístico

Assim como em um conversa falada perante o outro
As ideias também são produzidas pelos pensamentos e linguagem
Entretanto
Pelo fato
Das palavras serem ditas apenas para si
Elas tem um pouco mais de liberdade

Enquanto as palavras perante o outro são expressas pela boca e
todos seus aparatos conjuntos

No silenciar
A fala é dita somente para si
Em que
As palavras não são expressas pela boca e seus aparatos
Mas sim
Pela própria carne

Que grita frases
Mesmo estando em silêncio.

50

Mercador Pós-Moderno

A característica vigente do mercador pós-moderno

Seria trocar sua saúde por espórtulas

Existindo em sua labuta necessária

51

Fortuna

Ó Fortuna
Deusa amante do vinho
Que se embebeda mais do que o próprio Dionísio
Valoriza a radomicidade personificada na roda

Fortuna
Que condena o Édipo
Que exalta Agátocles da Sicília
Que por vezes
Ama os astutos
Todavia dá oportunidade aos covardes

Fortuna
Que é cega

Pois se realmente enxergasse
Amaria com toda a intensidade o Além-do-homem

Entretanto
Virgílio ainda expressa na Eneida:
“Audaces fortuna juvat”

52

Obra

Como já dizia o Suassuna
Toda a obra traz consigo dois fracassos

O primeiro:

Nunca conseguimos contemplar a realidade ante seu todo

O segundo:

Nunca conseguimos exprimir tudo aquilo que desejamos

Por isso

Escrevo poesias

Pois vou errando de várias maneiras

Mesmo sabendo que nunca hei acertar

53

Eufêmico

Somos eufêmicos
Diminuímos os elementos de nossas histórias
Para subverter a culpa ou favorecer o nosso ponto de vista
Simplificamos nossos problemas para não dizermos a verdade para si

Reduzimos a totalidade para não ver o todo
Pois ver o todo é sempre desgastante
Suavizamos nossas sentenças para livrar o outro ou nós mesmos da responsabilidade da palavra
Minimizamos o valor das palavras por sinônimos tirando o efeito original que era proposto
Com medo da ofensa ou punição
Substituímos condutas e palavreados escondendo o real
personagem por meio de personas

Ó meu caro sujeito eufêmico

Não percebe ?

Que ao tentar suavizar o medo ou a culpa por meio de gestos e palavras

Acaba por minimizar sua própria existência

54

Existir no Cotidiano

Na existência do cotidiano
Tudo é expresso como em uma peça de teatro
Com o passar das cenas
Mudam-se os personagens
Cenários
Situações

Na existência do cotidiano
Tudo é monótono
Mesmo que pareça caótico
Os elementos são frenéticos
São expressos diversos estímulos opacos
Os personagens passam entre si
Mas nem se olham
Nem se percebem
Em que
Existir é apenas um hábito

Uns se veem como personagens principais
Outros como coadjuvantes

Uns se veem como revolucionários
Outros acreditam ser a personificação da vilania

Entretanto
No fim
São todos meros figurantes

Na existência do cotidiano
O pesadelo diário seria o prólogo
O final de semana o epílogo
E a noite de domingo o intermezzo
Para iniciar-se
Mais uma vez
O interminável cotidiano

Na existência do cotidiano
Quase nada muda
E quando muda
Não percebemos
Pois estamos dominados pela ótica do costume

Na existência do cotidiano
Determinados personagens são solitários
Seja por ser sozinho
Ou por ser sozinho com os outros
E os personagens que são coletivos
Brigam em demasia com os sujeitos de seu convívio
(Todos no fundo são solitários)

Na existência do cotidiano
Seja coletivo ou individual
Todos existem em seus monólogos
Pois falar de si para si ou falar com outro
Seria a mesma coisa

Pois

Na existência do cotidiano
Todos estão presos na própria monotonia
Todos tornassem vítimas dos outros e de si mesmos
No ciclo infundável

Na existência do cotidiano

55

Mentir

Mentimos perante a labuta e a estratégia

Muitas vezes

mentimos para falar a verdade do momento

56

Hiperbólico

Às vezes somos hiperbólicos

Dizemos que amamos cedo demais
Porque estamos apaixonados
Ou simplesmente com tesão

Expressamos um discurso forte e aforismático
Só para convencer os outros
Ou a nós mesmos

Falamos de maneira agressiva
Sem medir o peso da sentença
Sentenciando-se a labuta do próprio castigo

Às vezes somos hiperbólicos

Seguramos com intensidade o próprio choro
Acreditando que isso é uma ato de coragem
Deparando-se com a covardia

Fazemos e planejamos coisas magníficas
Mesmo diante do inevitável
Iludindo-se com a esperança

Planejamos de forma demasiada o futuro
Mesmo sabendo que viver é um cálculo sem rigor
Esquecendo do momento perante as próprias expectativas

Às vezes somos hiperbólicos

Seja na demasia ou na falta

Na falta da falta

Ou na busca desesperada pelo preenchimento de seu próprio
âmago superlotado

57

Moldura

O modelo estilístico proposto
Moldura a poesia última
Pois
Todo ato
Tem consigo a intenção de uma proposta poética

Na carnificina poética
Expeli-se estímulos vibrantes

“Tempera”
Eles disseram sem saber o significado

“Isso é sangue”
Disseram os famintos ao verem o líquido escarlate

Nessa moldura
O poeta digladia com as sombras de si
Sob à luz do sol
Lança-se nas sombras do mundo
Sob a escuridão noturna

Com o passar das eras
Este percebe
Que muitas das coisas que escrevia
Eram apenas a moldura de sua essência

58

Má-fé

Sujeito sem precedentes
Que acredita que tudo é mero determinismo
Não existe liberdade
Nem livre-arbítrio
(Só existem pretensões)

Das testemunhas de Calvino e Spinoza
Os vícios se decaem
O homem através de seu coração
Constrói divindades
Algumas soberanas e infalíveis
Outras representam o grande espetáculo de si

E a última frase dita com convicção
É gritada no silêncio do egoísmo:

“A Transcendência não vai além nem de si”

59

Amor e Desejo

Um dia perguntei a uma jovem menina:

“É verdade que se ama mais o desejo do que o objeto desejado?”

Ela de maneira aforismática afirma:

“Sim”

Depois de um breve silêncio continuou:

“O desejo tende a ser o mesmo, mas o objeto tende a mudar”

Neste instante

Visualizei que

Naquele berço canônico, nascia uma estrela cintilante

60

Dilema de Berlin

O que vale mais ?

Ser um porco-espinho
Que explica tudo
A vida
A verdade
O universo
Os fatos globais
E os moleculares
Sob uma única perspectiva

Ou

Ser uma raposa
Que não consegue explicar tudo
Nem a vida
Nem a verdade
Nem o universo
Muitos menos
Os fatos globais
E os moleculares
Pois sobrevive ante sistema sob várias perspectivas

Saiba meu caro amigo
Que só pode escolher entre uma das categorias

Se caso
Acredita que se encaixa nos dois ao mesmo tempo
Engana-se

Sempre há de existir porcos-espinhos discretos e raposas ingênuas

61

Injúrias de um coveiro

Já enterrei gente morta
Nunca enterrei gente viva
Enterrei gente que em vida
Já morria
Enterrei gente que pensava que era imortal
Enterrei gente que se achava do bem
Enterrei gente que acreditava que era do mal

Mas
Além de enterrar
vi muita gente
Gente que lutava
E conseguia
Gente que lutava
E desistia
Gente que lutava
E morria lutando

Mas também

Vi morrer gente que nem vivia

62

Mais que um garoto russo

Ele
Amava uma garota
Essa garota dizia que o amava
Essa garota não gostava das coisas de sua existência
Mas mesmo assim
Aguentou por uns instantes
Até que encontrou um sujeito
Que escrevia histórias fantásticas
Mas nunca seria um Tolstói
Escrevia textos belos
Reflexivos
Marcantes
Mas como falado
Nunca seria nenhum Tolstoi

Essa garota largou o jovem desiludo
Pelo o escritor prodígio
Teve com ele um filho
Que logo morreu
Eles se cansaram
Cada um foi pro seu lado
Cada um em sua nova rotina caótica

Um dia qualquer
(Ou não tão qualquer assim)
O garoto russo
Que não falei que era russo
(Mas o título já induzia essa resposta)

Encontra mais uma vez a garota
“Que era o amar da sua vida “
Ela estava destruída
Se via como um pássaro amarrotado
(Pra ser mais específico: uma gaivota)
Ele também estava amarrotado
Mas por outros motivos
(Não menos seus)
Ele passou toda a sua vida sem fazer nada
Além de remexer o passado inconcluso

Diferente da história original
Não houve qualquer suicídio
Porém
Ali naquele lugar

Ambos perceberam que haviam mudado
Ambos não poderiam fitar sob o mesmo teto

Entretanto
Notaram que
Eles poderiam fazer qualquer coisa
Para aqui de si
Para aqui de qualquer lugar

Os dois
Despediram-se
Percebendo
Que
Às vezes
A gente gasta muito tempo para compreender
Que certas coisas não combinam
Mesmo que a imaginação busque com furor o improvável
Deixando de viver o improvável

Não enxergando
Que viver é por si só um absurdo diante das possibilidades

E mesmo essa história sendo primordialmente russa
Sabemos
Que ela acontece em todos os lugares

Pois se viver é um absurdo
O humano nega sua vida em nome da vaidade
Nem que seja
Pela vaidade de seu próprio sofrimento

63

Lethe

Lethe
Famigerada “Fonte do Esquecimento”
Olhada com espanto por Her
Que ao ver
Não entendia
O poder de suas divinas águas

Lethe
Sabe que nós buscamos a verdade
(Pelo menos isso que dizemos)

Lethe
Sabe que nós queremos nos conhecer a si mesmos
(Pelo menos isso que acreditamos)

Lethe
Sabe que nós somos curiosos
Por isso, tantas perguntas
(Pelo menos isso que expressamos)

Porém
Lethe
Também sabe
Que tudo isso que dizemos
Acreditamos
E expressamos
Não passam de grandes falácias que contamos a nós mesmo

Pois conhecer
Saber de si e do mundo
Buscar
Perguntar
São caminhos ásperos e assustadores
Então ela sabe
Que mentimos
Mentimos com vontade
E Para não nos deparamos com o fato consumado
Que causa tanta dor
Faz-nos esquecer do fato que gera angústia
Não sucumbindo à loucura

Por isso
Sófocles sempre há de dizer:
“Quanto menos se sabe, mais feliz se é”.

64

Mate-me

Mate-me

Disse o jurista que não sabia julgar

Mate-me

Disse jogador de poker que não sabia blefar

Mate-me

Disse o homem com medo de pular do quinto andar

Mate-me

Disse demagogo que errou o prolixo discurso

A Morte

Aquela mesma

Que usa uma foice e uma vestimenta preta

Escutou todos os pedidos

Pensou em atender a todos

Todavia

Ela gostava de ver tormento antes dos outros perceberem a paz

E quem diria que um ser quase que mitológico acabaria por dizer:

“Tem que comer pelas beiradas”

Ninguém imaginava que tal provérbio

Poderia ser usado até na seiva da existência

65

História A Ser Contada

No pouco que vivi

Descobri que nenhuma história é tão medíocre que não possa ser contada

Pois o contexto sempre esta voltado a outros contextos

Dentro de cada história existe

Os totens sagrados

E os tabus profanos

66

Enganado

Enganado é o homem
Que acreditar que é mais do que os outros animais
Só porquê acredita que sabe pensar
Que tem razão

Mesmo sabendo que no fim
Com razão ou sem razão
O final é cadavérico

Pois na terra

Os vermes não distiguem as carnes podres pelo seu passado de
consciência

67

Bucólico

Nesse insólito noite de verão
Um velho bucólico
Disse várias coisas divinas
Coisas que instigariam qualquer filósofo
Ele fez um discurso
Não queria dar conselhos
Pois o mesmo sabia que os conselhos são ilusórios
Para não dizer falhos

Busque a mediania
Isso mesmo
Meu caro amigo

Busque a mediania

Não se constrói a virtude sem ela

Nunca vi o véu da lucidez
Nos extremos

Não encontra-se a lucidez na extrema melancolia ou demasiada
euforia

Uns iram dizer que sim
Mas estes sabem
Que metem pra si
Ou são simplesmente ingênuos

Seja na ingenuidade ou na farsa de si
A lucidez é um estado que não se usufrui do ar congelante dos

picos das montras

E nem do calor infernal do núcleo interno

E se tem algo que ainda quero dizer:

Tenha mais cuidado com as verdades absolutas ditas com
desprezo, do que com as vãs mentiras ditas com convicção

68

A Briga Do Apaixonado Contra Realista sujo

Houve uma briga entre o apaixonado e o horrendo realista

Os motivos são desconhecidos

Por mais

Que sejam imagináveis

Ambos estavam em um bar conversando sobre assuntos diversos

E de repente iniciou-se um horrendo (ou belo) combate

Em que

Aconteceu de tudo

Socos

Pontapés

Arremesso de garrafas

Ameaças de morte

Juras de amor

Com certeza quem ganhou esta batalha foi apaixonado

Entretanto

em sua imaginação

Após ter sido nocauteado pelo horrendo sujo com seu golpe fatal

Chamado realidade

SOBRE O AUTOR



Marcos Vitor Costa Castelhano

Mestre em Ciências da Educação pela World University Ecumenical, com diploma reconhecido no Brasil na área de Ensino pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Bacharel em Psicologia e licenciado em Pedagogia, Artes Visuais, Letras, História e Filosofia. Coordena o curso de Psicologia e o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPEX) da Faculdade Sucesso (FACSU), onde também atua como professor universitário. É psicólogo escolar e psicólogo no CAPS AD III Gildete Lúcio da Silva. Editor-chefe da Revista Educação Contemporânea e da Editora AC, desenvolve trabalhos nas interfaces entre Psicologia, Educação, saúde mental, escrita e formação acadêmica.

1ª edição digital | São Bento - PB | Editora AC | 2026